

Ciclos e Trânsitos

Imaginária, estatuária e escultura urbana do Porto. Estudo, reflexão e valorização

Organização: APHA

Percurso/Conferência

A Cerâmica – encontro de valores escultóricos e pictóricos

Igreja de N^a S^a da Boavista - 15 de Setembro - 10h30

Por Laura Castro

Com a colaboração do Padre Giulio Carrara

O percurso desta 4^a sessão do Programa organizado pela APHA teve lugar na Igreja de N^a S^a da Boavista, no Porto, projectada pelo Arquitecto Agostinho Ricca Gonçalves e inaugurada em 1981. Apesar de estas sessões se dedicarem particularmente à escultura, de acordo com o título da série, cada sessão é orientada em diferentes direcções. Neste caso particular, a visita à Igreja permite-nos observar um conjunto de intervenções artísticas de Júlio Resende: os vitrais; uma imagem instalada no Baptistério, *Cristo da Ressurreição*, em cerâmica vidrada; um tapete colocado na zona central da igreja em direcção ao altar-mor; 15 placas em grés esgrafitado e esmaltado representando a *Via Sacra* e *Uma Ressurreição*; uma *Crucifixão* e um Sacrário em bronze.

Este conjunto de obras realizadas em diferentes técnicas remete para a vastíssima produção de Júlio Resende vocacionada para a arte pública e realizada em colaboração com diferentes arquitectos. Devemos sublinhar que o *Cristo* de Júlio Resende constitui uma peça de excepção na sua obra, estando-lhe reservado, por inerência, um papel importante na própria arte cerâmica portuguesa. É que, Júlio Resende, como outros artistas contemporâneos portugueses, dedicaram-se de preferência à cerâmica mural, à produção de painéis destinados a revestir muros ou a aplicar num local particular desses muros. Ao observar o *Cristo da Ressurreição*, peça tridimensional, não poderemos, apesar da sua evidente vocação escultórica, deixar de o entender como uma peça de arte mural, dada a sua aplicação no muro e a sua impossibilidade de sobreviver fora dele.



Cristo da Ressurreição
Igreja de N^ª S^a da Boavista, Porto

E é partindo deste pretexto que faremos um breve percurso pela produção cerâmica de Júlio Resende ¹, a partir de uma ideia orientadora: a ideia de que o artista sempre se considerou um pintor e não um ceramista. Resende expressou amplamente as reticências que a cerâmica lhe provoca, por lançar uma imagem que, em rigor, não corresponderia ao seu sentimento: a produção cerâmica foi sempre uma faceta dispersa ao longo da sua carreira, em função de pretextos muito particulares, que não permitiram o desenvolvimento pleno das capacidades intrínsecas à técnica.

Esta ideia vem de alguém que fez a sua formação em pintura, que aderiu à cerâmica como pintor e espelha claramente o paradigma modernista da unicidade entre obra, técnica específica e matéria. Num artista formado nos anos 40 cujos professores se haviam, por sua vez, formado à roda dos anos 10, permanecia vital o objectivo de explorar dos recursos específicos e intrínsecos a cada forma de arte, numa caminhada heróica para uma linguagem essencial e dominadora.

Ora, se há contributo interessante que podemos recolher desta área da produção artística que são os painéis cerâmicos, é o seu hibridismo, o cruzamento de especificidades, sejam as da cerâmica, sejam as da pintura ou até as da escultura, fazendo deles uma categoria que não respeita exactamente o perfil modernista tal como o referimos.

Será, pois, entre a vocação escultórica e a vocação da pintura que observaremos a produção cerâmica de Júlio Resende.

¹ Este tema foi já por mim abordado em diversas ocasiões. Vd. “Murais Cerâmicos em Espaço Público”, *apha@Boletim Boletim Interactivo da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte*, 1, Dez. 2003. Edição on line – <http://www.apha.pt/boletim/>; *Júlio Resende. Obra Cerâmica*. Lisboa: IPM/Museu Nacional do Azulejo, 1998;



Anjo Músico, 1989
Igreja de Lever, V.N. de Gaia



Menina e Pombas, 1983-84
Residência em V. N. de Gaia

Em Resende, quase nunca a cerâmica foi de pendor escultórico, sendo raras as situações que as imagens documentam.

Em todo o caso a cerâmica despertou o interesse do autor ao ponto de ter instalado um forno junto do seu atelier, o que esclarece o apelo da oficina que o pintor experimentara, pelo menos, desde a sua permanência no Alentejo. Depois de ter trabalhado com uma série de grandes fábricas como as de Sant'Anna em Lisboa, do Outeiro em Águeda, Tijomel em Tomar, de Viana do Alentejo, Carvalhinho em Gaia, e Artimex em Aveiro, no início dos anos 70 Resende sente necessidade de aprofundar a técnica da cerâmica, construindo uma oficina. A partir desta data alguns trabalhos passarão a ser executados aí.

O diálogo entre a pintura e a escultura evidencia-se na produção cerâmica que oscila entre:

- a exploração de texturas e a pintura sobre superfícies azulejadas;
- a pesquisa de brilhos e cintilações de esmaltes espessos e o respeito intransigente à pintura;
- a manipulação experimental de óxidos e vidrados e o desenho trasladado para a superfície cerâmica;
- o gosto por blocos cerâmicos de configuração irregular ou a aceitação do quadrado do azulejo.

O breve roteiro de imagens que a seguir se apresenta deixará claras estas duas opções.



As imagens documentam o diálogo e a oscilação entre a vocação escultórica e a vocação pictórica da cerâmica de Júlio Resende.



O mar e a terra, o norte e o sul, a planície e a montanha – Posto alfandegário de Vilar Formoso, 1958



Hino à Vida / Fonte de Saúde - Hospital de S. João, 1958

Este ano de 1958, através destas duas primeiras encomendas a que o artista responde, anunciam duas vias do seu trabalho, corporizadas no efeito delineado de desenho e transparências ou no efeito construtivo de opacidades com relevo.



A Natureza, 1959
Pousada de Santa Catarina
Miranda do Douro



A Caça e a Pesca, 1959-60
Pousada de S. Bartolomeu
Bragança

A via do desenho e da pintura constituem as primeiras fases da tarefa, só depois se completando o processo cerâmico. No entanto, a cerâmica parietal ensaia os primeiros passos no seio de uma experimentação, como fica claro do painel de Bragança.



O Café, [pormenor] Casa Sical, Porto, 1962-63



Blocos da Pasteleira [pormenor], Porto, 1964



Frisos do fogão de sala do Conservatório de Aveiro, 1968



Palácio de Justiça de Lisboa, 1969 [Pormenor de um dos seis painéis]



A Grande Árvore - Hotel D. Henrique, Porto, 1973 [Pormenor]



Companhia de Seguros Tranquilidade, Porto, 1984 [Pormenor]



Ribeira Negra, Porto, 1986 [Dois pormenores do painel]

Dos anos 60 aos meados dos anos 80 o interesse pelo experimentalismo resulta na presença em valores texturais, relevos, incisões, de grande densidade matérica. O artista interessa-se visivelmente pelos recursos expressivos da cerâmica e, entre figuração e abstracção, as obras desenvolvem uma organização complexa, acentuada por vezes, pela presença de blocos irregulares como elementos base do painel. Uma organização sábia e o domínio dos meios cerâmicos transparecem neste período.



Câmara Municipal de Matosinhos - Sala das Sessões, 1987



Hotel Solverde - Granja, 1988



Hospital de Guimarães, 1991 [Pormenor]



Instituto de Oncologia – Porto, 1992



Estação Metropolitana de Lisboa de Sete Rios, 1995 [Pormenor]

A produção de finais da década de 80 e da década de 90 apresenta Painéis menos estruturados, menos densos, quer do ponto de vista compositivo, quer do ponto de vista matérico, mais leves. Relativamente aos dos anos 60 são também mais simples; ostentam menos uma elaboração sábia, e mais cerâmica também.

Na sua contenção – sinónimo de elementaridade – e na sua expansão – sinónimo de liberdade – este núcleo de obras prefigura o fôlego da sua obra pictórica em que o artista desaprende, desestrutura, desfaz e descontextualiza.